

## O adolescente que cumpre medida socioeducativa: ser-aí-com no cotidiano e possibilidades para a enfermagem

Adolescents under semi-freedom social-educative measure: being-there-with#set in the everyday and possibilities for the nursing

El adolescente que cumple medida socioeducativa: ser-ahí-con en el cotidiano y posibilidades para la enfermería

Dilce Rejane Peres do Carmo<sup>I</sup>; Stela Maris de Mello Padoin<sup>II</sup>; Cristiane Cardoso de Paula<sup>III</sup>;  
Ivis Emília de Oliveira Souza<sup>IV</sup>

**RESUMO:** Objetivou-se compreender o cotidiano do ser-adolescente que cumpre medida socioeducativa de semiliberdade. Investigação fenomenológica, desenvolvida em uma Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul/Brasil. Foram entrevistados nove adolescentes, entre fevereiro-maio/2009. A análise heideggeriana desvelou que vivenciar a medida socioeducativa significa ter dificuldades para conviver, obedecer e se manter legal, sem delinquir ou fugir; estar afastado de parentes, amigos e sentir falta da mãe, aprendendo a valorizá-la. Mostra-se no modo de ser-com as pessoas: família, pares e profissionais. Conclui-se que o adolescente, ao se relacionar, mantém-se na impessoalidade daquilo que os outros esperam que ele faça. Por vezes, na relação com a mãe ou filho, se mostra na autenticidade de ser-si-mesmo. A enfermagem pode aprimorar a assistência na Fundação e construir um projeto existencial positivo, prevenindo a reincidência no sistema socioeducativo.

**Palavras-Chave:** Saúde do adolescente; adolescente institucionalizado; enfermagem; defesa da criança e do adolescente

**ABSTRACT:** This phenomenological study conducted at a Social Education Foundation in Rio Grande do Sul, Brazil, aimed to understand the routine of adolescent-beings undergoing semi-custodial 'social education' measures. Nine adolescents were interviewed between February and May 2009. Heidegger analysis revealed that experiencing this social education measure means having difficulty coexisting, obeying and staying legal (not offending or absconding); being away from relatives and friends, missing mothers, thus learning to value them. This is shown in the manner of being-with people (family, peers and professionals). It is concluded that, in their relations, the adolescents limit themselves to the impersonality of what others expect of them. Sometimes, in relationships with mother or child, they appear as authentically being-themselves. Nursing can improve care given at the Foundation and construct a positive existential project, preventing recidivism in the social education system.

**Keywords:** adolescent health; institutionalized teenagers; nursing; child advocacy.

**RESUMEN:** El presente trabajo tuvo como objetivo comprender el cotidiano del ser-adolescente que cumple medida socioeducativa de semiliberdad. Investigación fenomenológica, desarrollada en una unidad de la Fundación de Atención Socioeducativa, en Rio Grande del Sur/Brasil. La entrevista fue desarrollada con nueve adolescentes, entre febrero-mayo/2009. El análisis heideggeriano desveló que vivenciar la medida socioeducativa significa tener dificultades para convivir, obedecer y mantenerse bien sin delinquir o huir; estar lejano de parientes y personas amigas; sentir falta de la madre, aprendiendo a revalorizarla. Se muestra en el modo de ser-con las personas que integran su cotidiano: familia, pares y profesionales. Se concluye que el adolescente, al relacionarse, se mantiene en la impersonalidad de aquello que los otros esperan que él haga. Por veces, en la relación con la madre o hijo, se muestra en la autenticidad de ser-sí-mismo, especialmente, en la relación con la madre o hijo.

**Palabras Clave:** Salud del adolescente; adolescente institucionalizado; enfermería; defensa del niño y del adolescente.

## INTRODUÇÃO

As transformações biopsicossociais da fase do desenvolvimento da adolescência caracterizam um período de vulnerabilidade, no qual podem ocorrer alterações de comportamento e das relações. É resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos e o acesso à estrutura de oportunidades sociais que provêm do Estado e da sociedade<sup>1</sup>.

Nessa população, destaca-se o adolescente infrator e que cumpre medida socioeducativa (MSE). No Rio Grande do Sul (RS), 1.158 adolescentes estão em MSE de internação na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE). Destes, 43,3% estão em unidades do interior do estado, 96,5% são do sexo masculino, 79,2% com idades entre 15 e 18 anos, e

<sup>I</sup>Mestre em Enfermagem, Responsável Técnica do Serviço de Enfermagem da Unidade do Centro de Atendimento Socioeducativo de Internação. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: dilcerpc@ibest.com.br.

<sup>II</sup>Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado à saúde das pessoas, famílias e sociedade. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: stelamaris\_padoin@hotmail.com.

<sup>III</sup>Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado à saúde das pessoas, famílias e sociedade. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cris\_depaula1@hotmail.com.

<sup>IV</sup>Doutora em Enfermagem, Professora Titular da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: ivis@superig.com.br.

53,3% com escolaridade entre a 4<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries do ensino fundamental. Quanto ao tipo de atos infracionais, tem-se: roubo (48,7%), homicídio (12,5%) e tráfico de entorpecentes (10,4%)<sup>2</sup>.

Há que destacar alguns fatores que podem estar associados aos atos infracionais e considerar que estes perpassam o conceito de vulnerabilidade, o qual nos remete a três planos interdependentes: individual, social e programático<sup>3</sup>.

O plano individual, que contempla os comportamentos, pode ser percebido pelo uso de drogas. No Brasil, o álcool e a maconha são as drogas mais usadas pelo adolescente<sup>4</sup>. As drogas lícitas são usadas mais precocemente do que as ilícitas, entre crianças e adolescentes institucionalizados a prevalência de experimentação e uso de drogas é alta e precoce, acometendo a faixa etária entre 12 e 14 anos<sup>5</sup>. O uso precoce dessas substâncias psicotrópicas poderá conduzir a problemas graves de comportamento, resultando na estreita relação entre uso e abuso de álcool, drogas ilícitas e delinquência<sup>4,6-8</sup>.

Nesse contexto, o crack tem um poder infinitamente maior do que as outras drogas para gerar dependência. Ao prazer intenso e efêmero, segue-se a urgência da repetição. Os usuários, além de se tornarem alvo de doenças pulmonares e circulatórias que podem levar à morte, se expõem à violência e a situações de perigo que também podem matá-lo<sup>9,10</sup>.

O plano social contempla que, na socialização primária, a família tem como principal proposição assegurar comportamentos mediados pelo afeto e pela cultura. A qualidade do relacionamento familiar é um fator importante no encaminhamento do jovem para a delinquência<sup>1,10</sup>. Destaca-se a importância do resgate da figura paterna, defendendo, com base em estudos, que o comportamento antissocial, em qualquer membro da família, é mais provável se o pai é ausente ou não participativo<sup>11,12</sup>.

Tanto o comportamento pró-social quanto ao comportamento antissocial são diretamente influenciados pelas interações. Os comportamentos vão se modificando pelo seu próprio desenvolvimento, influenciados pelas exigências do ambiente. A violência urbana, a qual é destacada como um dos principais problemas sociais no Brasil exige ações intersectoriais e multiprofissionais para sua prevenção e refere-se a uma combinação de dificuldades de relacionamentos na família e na sociedade<sup>13,14</sup>.

O plano programático aponta para a existência de ações institucionais. O programa de execução das MSEs de internação e de semiliberdade possui um compromisso e responsabilidade com o adolescente infrator em desenvolver a sua capacidade de fazer escolhas a partir das suas possibilidades<sup>15</sup>. Soma-se a necessidade de reconstrução social, política e econômica, centrada na prevenção e no tratamento

das famílias. Considera-se que, uma atenção adequada e eficaz junto aos adolescentes e seus familiares seja capaz de transformar até mesmo realidades desesperançosas em oportunidades de vida que deem abertura às possibilidades<sup>10,16-18</sup>.

Paralela às demandas individuais, sociais e políticas da problemática apresentada, a produção do conhecimento na saúde do adolescente contempla na maioria dos estudos o enfoque epidemiológico, social, cultural e jurídico. Este artigo lança um olhar à subjetividade e teve como questão norteadora: como é ser adolescente e estar cumprindo medida socioeducativa? Para tanto, o objetivo foi compreender o cotidiano do ser-adolescente que cumpre medida socioeducativa de semiliberdade.

## REFERENCIAL TEÓRICO - METODOLÓGICO

A abordagem fenomenológica do referencial de Martin Heidegger busca desvelar no objeto de estudo, a maneira como ele é em si mesmo, e não apenas o que é, ou seja, um saber do fenômeno e não somente sobre ele. Para tanto, suspende o conhecimento factual - o que já se sabe sobre os fatos - em busca da compreensão existencial do fenômeno<sup>19</sup>. Desse modo, possibilita lançar um olhar ao adolescente em seu mundo próprio existencial, a fim de compreender sua singularidade de ser-no-mundo. Isso é possível por meio da intersubjetividade entre pesquisador e sujeito da pesquisa, na busca dos significados que os próprios sujeitos atribuem a sua vivência expressos em suas próprias palavras a partir do mundo da vida cotidiana, de sua bagagem de conhecimentos e de sua historicidade.

A descrição da experiência com a investigação fenomenológica e com aplicação do movimento analítico hermenêutico heideggeriano é uma possibilidade metodológica para a pesquisa em enfermagem. Este é um movimento reflexivo e também teórico, que se inicia na construção do projeto de pesquisa, quando da necessidade de localizar o objeto de pesquisa e buscar a convergência com o referencial teórico-metodológico<sup>20</sup>.

O desenvolvimento da dimensão ôntica do referencial heideggeriano possibilita compreender os significados apontados pelos próprios depoentes em seu cotidiano vivido. Culminando na dimensão ontológica, que permite desvelar sentidos do vivido e ampliar as possibilidades do cuidado na saúde e na enfermagem<sup>20</sup>.

O referencial teórico-filosófico-metodológico heideggeriano se mostra coerente com princípios humanísticos da enfermagem e com seu objeto de estudo, devido à tendência de os pesquisadores voltarem seus olhares para as situações subjetivas dos seres humanos e do cuidado<sup>19,20</sup>. Contribui para a aproximação entre a teoria e a prática do cuidado, por meio da compreensão

dos fenômenos que permeiam o impacto da situação de saúde das pessoas, das famílias e da sociedade, neste artigo, especialmente, a população de adolescentes infratores institucionalizados.

## Método

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, com abordagem fenomenológica e referencial teórico-metodológico de Martin Heidegger<sup>19</sup>. A etapa de campo da pesquisa foi desenvolvida mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria/RS (CAAE: 23081.020554/2008-31), no período de fevereiro a maio de 2009. Foram observados os princípios éticos da pesquisa.

O cenário da produção de dados foi uma unidade da FASE do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: o Centro de Atendimento em Semiliberdade de Santa Maria (CASEMI), com capacidade para 25 adolescentes. Destina-se à execução da MSE em semiliberdade, determinadas pelo Poder Judiciário a adolescentes e jovens autores de ato infracional, com origem na região sob jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Santa Maria. O corpo funcional dispõe de uma equipe de técnicos nas seguintes áreas: Psicologia, serviço social e educação. A equipe de apoio se compõe de Auxiliar de Enfermagem com supervisão do enfermeiro, cozinheiro, motorista, monitores, agentes administrativos e o diretor. Conta também com uma rede de apoio social pública e privada que auxilia a viabilizar as atividades. A assistência à saúde especializada é realizada pela rede pública.

A inclusão para participação da pesquisa deu-se pelos critérios: adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos (delimitação conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente), que estavam cumprindo a medida socioeducativa de semiliberdade na unidade de atendimento da FASE do município e que não estavam sob suspeita de uso de drogas no período da produção dos dados (considerando a prerrogativa de que aos adolescentes em regime de semiliberdade realizam atividades na comunidade e, por vezes, têm acesso a oferta de drogas).

Os adolescentes tiveram sua inclusão aleatória mediante convite, durante a realização de grupo operativo desenvolvido pela unidade. Ocorreu a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi assinado pelo representante diretor da instituição, porque ele é o responsável legal pelos adolescentes. Foi também assinado o Assentimento Livre e Esclarecido pelo adolescente, demonstrando sua voluntariedade em participar da pesquisa.

O modo de acesso aos adolescentes foi a entrevista fenomenológica<sup>21</sup>. Essa modalidade possibilita dar conta do vivido do ser humano, tal como se apresenta na sua vivência, por meio de um movimento de compreensão. Como modo de acesso ao ser, a entrevista é desenvolvida como um encontro, singularmente estabelecido entre o sujeito pesquisador e cada sujeito

pesquisado. O encontro foi mediado pela empatia e intersubjetividade, mediante a redução de pressupostos<sup>21</sup>. Exigiu do pesquisador um posicionamento de descentramento de si, para se direcionar intencionalmente à compreensão dos adolescentes.

Durante o encontro, o pesquisador precisa: estar atento aos modos de se mostrar do sujeito entrevistado; captar o dito e o não dito; observar as outras formas de discurso: o silenciado, os gestos, as reticências e as pausas; e respeitar o espaço e tempo do outro. Essa posição de abertura do pesquisador ao outro possibilita aprimorar progressivamente a condução da entrevista. A entrevista iniciou-se pela questão orientadora: como é para você ser adolescente e estar cumprindo medida socioeducativa? No decorrer da entrevista a pesquisadora formulava questões empáticas, a fim de evitar induzir respostas, mas destacando questões expressas pelos próprios adolescentes que precisavam ser aprofundadas para melhor compreensão dos possíveis significados apontados. Para encerrar a entrevista era desenvolvido um feedback, perguntando se o adolescente gostaria de acrescentar algo e agradecendo sua disposição-para esse encontro.

O número de adolescentes não foi determinado previamente, visto que a etapa de campo mostrou a suficiência de significados expressos nas entrevistas, que possibilitaram responder ao objetivo da pesquisa. Então, com nove entrevistas findou-se essa etapa, uma vez que os significados expressos nas entrevistas contemplaram as estruturas essenciais do fenômeno de investigação<sup>21</sup>.

A transcrição das entrevistas se deu conforme a fala original e foram apontados pela pesquisadora os silêncios e as expressões corporais observadas. Todas as entrevistas receberam a letra A de adolescente seguidas dos números 1 a 9.

O método de análise contemplou o primeiro momento metódico heideggeriano: análise compreensiva<sup>19,20</sup>. Constou da suspensão de pressupostos do pesquisador ao desenvolver a escuta e leitura atentas das entrevistas, em busca de compreender o cotidiano do adolescente que cumpre MSE de semiliberdade, sem impor-lhe categorias predeterminadas pelo conhecimento teórico/prática. Foram sublinhadas, nas transcrições, as estruturas essenciais, compondo um quadro de análise. A partir desse quadro foram constituídas as unidades de significação e o discurso fenomenológico, de modo a compor o conceito vivido, o qual é o fio condutor da interpretação, segundo momento metódico<sup>19,20</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise heideggeriana desvelou as unidades de significação: vivenciar a medida socioeducativa significa ter dificuldades para conviver, obedecer e se manter legal, sem delinquir ou fugir; e estar afastado de parentes, pessoas amigas e sentir falta da mãe, aprendendo a valorizá-la.

Ao falar da convivência e do afastamento, o ser-adolescente que cumpre medida socioeducativa mostra-se no modo de ser-aí-com, no mundo com suas relações<sup>19</sup>. A presença, ou seja, o modo pelo qual o ser-adolescente se mostra no cotidiano, acontece em uma espacialidade: no mundo. Essa espacialidade indica o contexto em que de fato uma presença vive. A presença não apenas é e está num mundo, mas também se relaciona com o mundo<sup>19</sup>.

O relacionar-se é imprescindível para a constituição do mundo, pois este não corresponde a uma estrutura geométrica já dada, na qual o ser se localiza. O mundo existe somente num sistema de relações, pois isolado não é nada. Produz-se, somente, no estar-junto, movimento da presença (distanciando/aproximando) em direção àquilo (os outros ou as coisas) que vem ao encontro. Assim, denota uma estrutura fundamental da presença: ser-no-mundo, que designa uma totalidade articulada, pois não há mundo sem ser, como também não há ser sem mundo<sup>19</sup>.

Sendo-aí-no-mundo, o ser-adolescente se relaciona com as pessoas que integram seu cotidiano: sua família e seus pares, bem como os profissionais da instituição. Também interage consigo mesmo.

O ser-aí-com indica a natureza relacional do humano, demonstrando que todo ser é sempre ser-com, mesmo na solidão e isolamento. A presença “é sempre co-pre-sença, o mundo é sempre mundo-com-partilhado, o viver é sempre con-vivência”<sup>21:319</sup>.

### **Ter dificuldades para conviver, obedecer e se manter legal, sem delinquir ou fugir**

Ao vivenciar a MSE, o adolescente se mostra preocupado com a possibilidade de se encontrar com rivais de rua dentro da unidade. Cita a unidade de internação onde era possível evitar os encontros pela característica de sistema fechado; já, na semiliberdade, são possíveis conflitos entre eles.

É um relato:

*Elas tentavam que a gente não ficasse junto. No CASE dá, mas aqui, uma hora tu cruzas, e aí já era. (A2)*

Em seu estar-no-mundo-junto-aos-outros, em meio ao abandono e ao arbítrio dos outros, o adolescente aponta sua compreensão acerca do sistema socioeducativo. Para ser-no-mundo, levo comigo minha história, tudo que experienciei e vivi, o que remete à historicidade, ou seja, é a tradição de um legado do passado, quando dela eu posso me apropriar e transformar minha história ou também posso simplesmente usá-la como guia na minha vida, seguindo as normas e condutas familiares e de convivência já postas<sup>19</sup>.

O adolescente se mostra, na maior parte das vezes, em-meio-ao-sistema. Ele não chega a negar sua tradição, mas deixa que ela aconteça no cotidiano da medida socioeducativa, ocupando-se em ser-no-

mundo-com-os-outros, ora seguindo o que seus pares esperam, ora seguindo o que as normas instituem.

O adolescente refere que tem a intenção de ficar bem. Entretanto, quando provocado e pressionado, reage agressivamente e não pede proteção, pois acredita que essa atitude revela medo. Eles também contam que são frequentemente convidados por outros adolescentes a participar de atuações indevidas na instituição ou fora dela. Caso se neguem, devem permanecer calados, sem confirmar que sabiam ou que viram algo; do contrário, podem sofrer ameaças ou mesmo agressão por parte dos envolvidos. Pensam, às vezes, em só incomodar ou em fazer bobagens, como fugir, usar e trazer droga. Esses comportamentos dificultam o cumprimento da MSE, gerando novo processo e agravando sua situação.

São depoimentos:

*Lá no CASE eu bati no seu [nome do monitor], ele é boa gente, mas me pegou num dia ruim. [...] agora tenho que ficar de canto [ficar quieto, não se envolver em conflitos]. (A7)*

*Eu até estava bem, agora que o [nome] chegou, não sei não, nossa bronca não é de hoje, eu até estou de canto, mas se ele vem eu vou, não sou de pedir seguro [proteção] [...] caiu um guri que estuprou a própria irmã, eu dei tanto naquele guri dentro do brete [dormitório] pra nunca mais fazer aquilo, paguei um tempão por causa daquilo. (A8)*

*Pior que o cara quer ficar legal e os caras te empilham [instigar o outro] [silêncio] [...] os loucos só querem encurnar [colocar o outro em situação difícil], estava quieto e me chega aquele louco, pronto, já perdi meu passeio, briguei, me dei mal. (A2)*

*Comecei a pensar em bobagem. Só queria pegar medida [punição], não participava das atividades, mas daí depois eu me liguei que não era assim, comecei a me comportar [...] quando vi, foragi. (A3)*

*[...] está quieto e os caras te chamam para aprontar, eu não vou, mas tem que ficar de canto [não falar o que viu], se não tu é jacaré [delator]. (A6)*

O ser-adolescente se mostra no modo de ser da impessoalidade quando faz aquilo que os pares esperam de seu comportamento. No modo de ser cotidiano, se mostra como todos e não como si mesmo, visto que a padronização se impõe ou lhe é imposta. A padronização de todas as suas possibilidades exclui a presença de sua própria responsabilidade<sup>16-19</sup>. Exprime uma impessoalidade na maneira que se apresentam no dia-a-dia: como a gente e não como seu próprio eu.

### **Estar afastado de parentes, pessoas amigas e sentir falta da mãe, aprendendo a valorizá-la**

Revelam as figuras de vínculo familiar e de afeto, alguns prejudicados, outros interrompidos pela morte de pai, mãe, irmão e amigos.

São relatos:

*Eu não tinha contato com a minha mãe [...] arrumaram para ir morar com a minha prima, para sair em atividade [passeios de final de semana] [...] uns cinquenta e poucos amigos meu já morreram, que davam banda comigo [...] tiveram dois que eu vi morrer na minha frente [olhos lacrimejantes] (A4).*

*Só minha mãe e o meu irmão e que iam lá me visitar depois que cáí preso [...] meu pai nem sei quem é. (A5)*

*É eu, a mãe e meus dois irmãos maiores que eu, o pai foi embora quando eu tinha cinco anos. (A6)*

*Minha mãe morreu. (A7)*

*Eu tinha meus amigos desde pequeno [...]. O pai me ajudava bastante, sempre falava pra nós que o dia que um de nós caísse preso, ele nunca iria lá ver. Era um domingo de visita, quando vi estava entrando ele, e me falou que se eu quisesse mudar ele ia me ajudar [...]. Quando lembro dele me dá falta, um aperto no peito [...]. Eu tenho a mãe, ainda não perdi tudo [...]. (A9)*

A medida de semiliberdade propõe uma retomada na sua historicidade vivida que foi modificada, propõe uma volta ao seu mundo mais próprio para além do sistema socioeducativo, na possibilidade de sair do em-meio e adentrar o ser-com-os-outros-no-mundo<sup>19</sup>.

A historicidade elementar da presença pode permanecer escondida para ela mesma, mas pode também ser descoberta e se tornar objeto de um cuidado especial<sup>16-19</sup>. Quando expressa nos depoimentos sua relação com os familiares e amigos, o adolescente se revela sendo-com-os-outros.

A mãe aparece como aquela que ajuda. É ela quem comparece na instituição e mantém o contato com o serviço, demonstrando afeto e preocupação.

Eis os discursos:

*Minha mãe sempre vem, é guerreira, dona! (A2)*

*A minha mãe é uma santa, só ela pra aguentar tudo que eu aprontei. (A6)*

*A minha mãe é que vem me visitar [...] e elas vêm sempre. (A9)*

As peculiaridades da existência como clarificação do ser podem ser capturadas por uma única palavra: cuidado<sup>19</sup>. Assim, pode-se referir ao mundo como aquilo a que se dedica cuidado e ao ser como aquele que dedica cuidado ao mundo. Sendo assim, os seres se dividem entre o ter cuidado por (que pesa sobre o ser como uma carga do passado) e o tomar cuidado com (em relação às possibilidades que são projetadas no futuro). Isso é compreendido na fala do adolescente:

*[...] eu quero sair e trabalhar, minha mãe já sofreu muito [...] aqui eu estou indo na aula, lá fora capaz que eu estaria indo [...] quero cumprir a minha, sair daqui, arrumar um 'trampo' e ajudar minha mãe. (A1)*

Ao tomar o cuidado para si, o adolescente pode se revelar como ser-em-possibilidades, ouvindo seu eu, cujo próprio silêncio pode evocar-nos a possibilidade de um outro modo de ouvir. A consciência é o próprio eu autêntico chamando a si mesmo de fora do próprio impessoal, ela é o chamado do cuidado, mostrando a incompletude do ser-no-mundo<sup>19</sup>.

O adolescente faz planos, quer estudar, trabalhar para ajudar a mãe. Diz que precisa de ajuda e que, se ele quiser, a instituição pode ajudá-lo, revelando um poder-ser-no-mundo. Talvez a MSE possa abrir para essa possibilidade.

Na maior parte das vezes ele termina o namoro ao ser preso, desconfia de infidelidade, mas pode reatar o namoro, ao sair para os passeios de final de semana, principalmente quando tem filhos. O filho se revela uma motivação para o cumprimento da sua medida e do desejo de melhorar.

São depoimentos:

*Eu tinha namorada até cair preso; depois eu não quis mais, vai saber o que está fazendo lá enquanto o cara está preso! (A1)*

*Eu tinha uma namorada, ela até queria vir me ver, acabei quando cáí preso. (A3)*

*Meu irmão dizia que se eu aprontasse aqui eu não iria para casa, para não incomodar a mãe [...] é melhor que o CASE [...] pensei no meu filho, não quero essa vida para ele [...] ele tinha atirado no meu irmão, coitada da mãe [...] eu queria estar em casa com meu filho. (A5)*

*Eu terminei com ela [namorada] quando fui preso. (A6)*

Assim, o ser-adolescente se mostra no modo de ser-com as pessoas que integram seu cotidiano: família, pares e profissionais da instituição. Percebe-se que o adolescente, ao se relacionar, mantém-se na impessoalidade daquilo que os outros esperam que ele faça, seja das normas da instituição, seja dos pares que o instigam a participar de atividades ilícitas ou silenciar diante delas<sup>19</sup>.

## CONCLUSÃO

A análise heideggeriana desvelou que vivenciar a medida socioeducativa significa ter dificuldades para conviver, obedecer e se manter legal, sem delinquir ou fugir; estar afastado de parentes, amigos e sentir falta da mãe, aprendendo a valorizá-la. Assim, o adolescente infrator se mostrou no modo de ser-aí-com as pessoas: família, pares e profissionais.

Assim, acredita-se que as ações socioeducativas aplicadas e mediadas por um cuidado pautado na subjetividade poderão criar um espaço de escuta, tanto para os próprios adolescentes quanto para as famílias. Visa o surgimento de outras possibilidades do ser escapar dessa situação fática, constituindo um movimento entre o ser-aí do adolescente infrator e o ser-aí mais próprio da adolescência.

Nesse sentido, a enfermagem, compartilhando o mundo da MSE, vislumbra possibilidades de aprimorar a assistência em unidades da FASE. É preciso promover um desenvolvimento saudável, propor ações individuais e grupais com espaço dialógico, com vistas a auxiliar na construção de um projeto existencial positivo, prevenindo a reincidência no sistema socioeducativo.

O estudo apresenta as limitações de uma investigação de abordagem qualitativa, situado no cenário e período em que se desenvolveu. Portanto, a pretensão não é generalizar tais achados, mas aprofundar a interpretação dos sentidos desvelados a partir da compreensão dos significados pelos próprios sujeitos da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

1. Bretas JRS. Vulnerabilidade e adolescência. *Rev Soc Bras Enferm Ped.* 2010; 10: 89-96.
2. Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul [página da internet] Porto Alegre (RS). [citado em 22 nov 2009] Disponível em <http://www.fase.rs.gov.br/portal/index.php>
3. Ayres JRCM, Paiva V, França Jr I. From natural history of disease to vulnerability: changing concepts and practices in contemporary public health. In: Parker R, Sommer M, organizadores. *Routledge Handbook in Global Public Health.* Abingdon (Oxon): Taylor and Francis, 2011. p. 98-107.
4. Martins MC, Pillon SC. A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. *Cad Saúde Pública.* 2008; 24: 1112-20.
5. Vasters GP, Pilon SC. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2011; 19: 317-24.
6. Heim J, Andrade AG. Efeitos do uso o álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. *Rev Psiquiatr Clín* 2008; 35: 61-8.
7. Malhotra C, Sharma N, Saxena R, Ingle GK. Drug use among juveniles in conflict with the law. *Indian Journal of Pediatrics* 2007; 74: 353-6.
8. Guimarães CF, Santos DVV, Freitas RC, Araujo RB. Perfil do usuário de crack e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). *Rev Psiquiatr RS.* 2008; 30: 101-8.
9. Etchepare M, Dotto ER, Domingues KA, Colpo E. Perfil de adolescentes usuários de crack e suas consequências metabólicas. *Revista AMRIGS.* 2011; 55: 140-6.
10. Bernardy CCF, Oliveira MLF. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Rev esc enferm USP.* 2010; 44: 11-7.
11. Pacheco JTB, Hutz CS. Variáveis familiares preditoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicol Teor Pesqui.* 2009; 25: 213-9.
12. Branco BM, Wagner A. Os adolescentes infratores e o empobrecimento da rede social quando do retorno à comunidade. *Ciênc saúde coletiva.* 2009; 14: 557-66.
13. Silva KL, Dias FLA, Vieira NFC, Pinheiro PNC. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. *Esc Anna Nery.* 2010; 14: 605-10.
14. Phebo L, Moura ATMS. Violência urbana: um desafio para o pediatra. *J Pediatr.* 2005; 81: S189-96.
15. Garbarino J. Por que os adolescentes são violentos. *Ciênc saúde coletiva.* 2009; 14: 533-8.
16. Higarashi IH, Baratieri T, Roecker S, Marcon SS. Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: identificando dificuldades e perspectivas de transformação. *Rev enferm UERJ.* 2011; 19:375-80.
17. Ballani TSL, Oliveira MLF. Uso de drogas de abuso e evento sentinela: construindo uma proposta para avaliação de políticas públicas. *Texto contexto – enferm.* 2007; 16: 488-94.
18. Zappe JG, Dias ACG. Grades não prendem pensamentos: limites da institucionalização na reconstrução do projeto de vida do adolescente. *Psico.* 2011; 42: 220-7.
19. Heidegger M. Ser e tempo. Parte I. 6ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1997.
20. Paula CC, Cabral IE, Souza IEO, Padoin SMM. Analytical movement Heideggerian hermeneutics: methodological possibility for nursing research. *Acta Paul Enferm.* 2012; 25:984-9.
21. Paula CC, Padoin SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IE. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev Bras Enferm.* 2014; 67.